

Entre silêncios e triunfos: representações das feminilidades das mulheres araguarinas nas décadas de 1940 a 1950.

Gilma Maria Rios*

Resumo: O objetivo dessa comunicação é reconstruir e entrever como as mulheres eram representadas nos artigos do jornal local, Gazeta do Triângulo, nas décadas de 1940 a 1950, em Araguari, cidade do Triângulo Mineiro. Para tanto, utiliza-se a reflexão que os redatores dos artigos faziam sobre as “questões femininas” que circularam ao longo das décadas mencionadas sobre as questões de gênero. Ao estudar o que escreviam sobre as mulheres, somos capazes de conhecer comportamentos, relações sociais e entender representações e jogos de gênero nos discursos apresentados no jornal local. Possibilitando troca de saberes e fazeres nas múltiplas dimensões históricas inovadoras para compreensão do social. É vislumbrar sujeitos plurais, capazes de pensar e refletir sobre o mundo e as relações a partir de uma história que se constrói cotidianamente.

Palavras-chave: mulheres araguarinas – representações - gênero

Abstract: The purpose of this project is to rebuild and find out how the women were represented in the local newspaper articles, Gazeta do Triângulo, in the decades from 1940 to 1950, in Araguari, Triângulo Mineiro city. Thus, using the reflection that the writers of the articles made about “women’s issues” that circulated within the decades mentioned about women, we are able to know behavior, social relations and understand representations related games in the speeches presented in the local paper. Allowing exchange of knowledge and activities done in multiple dimension historical innovative to the social. It is to see plural subject, able to think and reflect on the world and relationships from a story that builds daily.

Key words: Araguari women – representations – gender

Este trabalho é parte do estudo sobre as mulheres araguarinas desenvolvido pelo grupo de pesquisa “história, Gênero e Cotidiano” que conta com o apoio de diversos(as) alunos(as) da Universidade Presidente Antônio Carlos/Araguari – MG. A proposta inicial do Grupo de Pesquisa foi de fornecer aos pesquisadores iniciantes e aos que já pesquisam sobre gênero, subsídios que levem em conta, como assinala Pesavento, “o esgotamento de modelos e de um “regime de verdades”(FOUCAULT,1992: p. 12) e explicações globalizantes, com aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análise da história, até então ausente” (PESAVENTO, 2004: p. 8-9).

Nessa revisão, ou transformação, ocorreu, dentre outras coisas, a inclusão de atores sociais antes menosprezados pela historiografia, passam a ser percebidos como atores históricos, sujeitos e assujeitados a diferentes saberes e poderes, num sistema de relações em

* Professora da Universidade Presidente Antônio Carlos/UNIPAC – Araguari/M.G.. Doutora em História pela Universidade de Brasília/UNB.

que “compartilham ou confrontam interesses, valores e significações. Desmistifica e denuncia as exclusões e discriminações sofridas pelos diferentes agentes sociais, principalmente, as mulheres.” (RIOS, 2005: II)

O previamente considerado como imutável, porque naturalizado, passa a ser percebido como “construção cultural”, sujeita as variações, tanto no tempo como no espaço, no entendimento de que a realidade é social e culturalmente constituída (BURKE, 1992: 11). Assim, a visão tradicional de História de alguns intelectuais vai perdendo força de reconhecimento social, diante de uma realidade que não se reduz a particularismo da história política e dos “grandes” homens, embora a contenha.

Sob tais reflexões, o Grupo de Pesquisa “História, Gênero, Cotidiano”, propôs dar visibilidade à presença histórica de mulheres comuns de uma cidade do interior mineiro, nas décadas de 40 e 50 do século XX. Uma visibilidade, além do mero registro da presença, mas que procura historicizar sua constituição nas experiências vivenciadas de novas relações com seus corpos, comportamentos e relações sociais.

Deste modo, o objetivo dessa comunicação é reconstruir e entrever como as mulheres araguarinas eram representadas nos artigos do jornal local, Gazeta do Triangulo, nas décadas de 1940 a 1950, em Araguari. A opção cronológica deu-se, devido às mudanças processadas em nível nacional, com suas ressonâncias em Araguari. Dentre elas a derrocada do Estado Novo, impulsionada pelo processo de democratização ocorrido durante o pós-guerra, acompanhado pela continuidade do projeto de modernização do período Vargas, com incremento à política de industrialização.

Somava-se a isso, o crescimento urbano, significativo número de mulheres trabalhando no espaço público - fábricas, lojas, escritórios etc., revitalização dos movimentos sociais e dos partidos políticos. Dentre esses movimentos, destacaram-se os feministas em suas lutas pelo direito ao voto, educação, igualdade de direitos etc.

Era um quadro de mudanças processados em nível nacional, às quais Araguari também aderiu. Com efeito, observa-se, na imprensa local, o repetido discurso de um projeto modernizador, e junto a essa modernização, uma “crise moral”, decorrente das mudanças nos costumes e nos comportamentos das mulheres, que ameaçava a ordem instituída. Não por acaso, a imprensa local, Gazeta do Triangulo, veiculava críticas acirradas contra esses costumes “modernos” e reafirmava os valores tradicionais, configuradores dos costumes e da identidade da “mulher ideal”.

Os artigos pesquisados no Gazeta do Triangulo são de diversas autorias, dessa forma, são ricos em informações tramadas nas redes discursivas sobre as sociabilidades e

subjetividades de ser “homem de moral” e de “mulher de respeito” permitindo o exercício/desafio de revisitar e desvendar o passado em busca de discursos e representações relacionados aos jogos de gênero.

A cidade de Araguari é o espaço privilegiado desta narrativa, por ser a atuação das mulheres araguarinas quase desconhecida, assim, pretende-se dar visibilidade no passado a aspectos pouco focalizados, problematizar as representações de gênero apresentadas nesses artigos. E para isso, toma-se o discurso formulado pelos redatores como socialmente construído, datado histórica e culturalmente. Onde as identidades estão conectadas a um discurso que caracteriza posições e atributos sobre o masculino e o feminino.

Até pouco tempo, a participação das mulheres era mínima na história construída sobre Araguari. Tal política de silenciamento era informada por representações de gênero que responde por sua invisibilidade, e esclarecem sua suposta condição de sujeitos a-políticos, contidos no espaço definido como sem história da esfera privada. Representações, entendidas como forma de conhecimento

Socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Sendo, por essa razão, sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais... (JODELET, 2001:22).

A representação da “mulher”, que dizia respeito a todas as mulheres, independente de suas histórias, como “rainha do lar”, de um destino ligado ao ventre, à maternidade, constituía uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado pela sociedade araguarina, ou seja, a definição das identidades pessoais e sociais das mulheres inscrevia-se no mundo privado do trabalho doméstico e na satisfação das necessidades afetivas da família, na existência para os outros, na negação de si como pessoa.

Como se pode observar em um artigo, assinado por Mary,

A mulher deve se preparar para poder contribuir para a sua felicidade e a de seus filhos; deve estar apta para se manter sempre ao lado do homem na luta pela vida, com ele solidária nos dissabores mas também participante do conforto e do prazer que a inteligência cultivada vai deparar... A mulher está destinada um papel muito importante como preceptora... Ninguém de boa fé lhe negará a capacidade educadora; todos lhe reconhecem o dom particular para o ensino... para que a mulher possa desempenhar convenientemente a sua elevada finalidade de mãe e professora, cumpre que comece a educar a si própria com o devido esmero. (GAZETA DO TRIANGULO, 22/08/1937, p. 03).

É visível a ressignificação conferida às representações do papel da mulher na sociedade araguarina. Isso possibilita perceber o caráter construído e, ao mesmo tempo, construtor de gênero, tendo em vista que o feminino, assim como o masculino, não são constituídos, nem propriamente, nem necessariamente, pelas características sexuais, mas pela configuração como essas “características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma sociedade e em um dado momento histórico”.(LOURO, 2001:21).

Em outro artigo, escrito por Sylvia, a harmonia e a paz do casamento dependia das mulheres, segundo sua declaração

A harmonia entre mulher e marido que depende, não diremos completamente, mas quase completamente da mulher, é a encruzilhada de onde irradiam as estradas importantíssimas da educação racional dos filhos, da boa direcção da casa, da economia do casal e do bom senso na solução de todos os problemas domésticos. Essa harmonia baseia-se em primeiro lugar na confiança e no respeito mútuos, não se esquecendo nunca a mulher de que, esgotados os seus argumentos e ficando estes sem efeito, a sua obrigação é ceder aos do marido...(GAZETA DO TRIANGULO, 04/02/1940: 05).

Nessa representação verbal dos fatos, a imprensa funciona como mecanismo ideológico para a reprodução da identidade dos gêneros – masculino/feminino. Deste modo, pode-se abstrair um conjunto de valores e papéis, responsáveis pela imagem dominante e idealizada de feminilidade tais como o “papel da mulher no lar” e sua ação na “formação cristã dos filhos”.

Não se pode deixar de reconhecer as possibilidades para contemplar conflitos, não só de classes, mas também de gênero, e valores e costumes. Com esse propósito, as histórias plurais estão atentas aos excluídos, às diferenças, ao focalizar atores sociais menos “heróicos” e “grandiosos”, atores simples, pessoas comuns, inscritos na posição de dominados por uma historiografia centrada nos vencedores.

Assim, os estudos de gênero possibilitam transpor o “silêncio e a invisibilidade a que estavam relegadas mulheres, homens e suas relações,” (MATOS, 2005:23) e demonstram que o comportamento, discursos, representações e valores que são aceitos em uma sociedade em um determinado tempo e num certo local, podem ser rejeitados em outros períodos.

Ao ler o artigo acima, pode-se perceber um universo de tensões e movimento, mudanças e permanências que permitem visualizar o surgimento de desafios que desestabilizam a noção do sujeito universal, unitário, apresentando tensões, polêmicas,

particularidades e diferenças que permitem questionar a unidade do discurso que circularam pelo espaço social araguarino.

Observa-se, uma reflexão sobre a “diferença”, nas práticas cotidianas, na elaboração do discurso, no processo de socialização e na construção da representação social de gênero, possibilitando a revisão dos arquétipos e estereótipos construídos ao longo do tempo. Descobre-se que fica difícil traçar um perfil único da “mulher araguarina”, e a compreensão dessa diversidade facilita a crítica à construção de estereótipos e representações de feminilidade.

Significativamente, era publicado pela imprensa local, representação da mulher/esposa, sendo que esta,

Não nasceu apenas para adorno; ao contrário, nasceu também para a luta, pois que sua missão, desempenhada com dignidade, é realmente sagrada: orientar o esposo, ampara-lo em seus possíveis fracassos, erguer-lhe a cabeça e alegrar seu coração e, ainda mais, educar os filhos, com segurança para o futuro da sociedade, da Pátria e de Deus... Como poderia ser feliz o casal, quando a esposa é muito diferente da noiva: sempre irritada e irritante, cuidando apenas de si, desmazelando-se de seu lar e de seu esposo, que deseja encontrar uma companheira que comungasse dos seus mesmos anseios e de suas mesmas esperanças? (GAZETA DO TRIANGULO, 07/1955:10)

Tem-se, aí, nesse trecho do artigo da Gazeta, a expressão do pensamento conservador, moralizante e tradicional, quando reafirma seus valores em luta com os valores modernos, receoso de ver sua solidez desmanchar-se no ar, diante das mudanças incontornáveis instauradas pela modernidade. Mudanças relativas às técnicas, artes, ciências, e sobretudo, à religião, à moral, aos valores, à visão de mundo até então informada pelo pensamento patriarcal/cristão/católico. Enfim, uma visão de mundo que percebe as mudanças instauradas na e pela modernização como matrizes de “desordem” na ordem tradicional que passa a ser questionada, época em que as mulheres optam por condutas que transgridem as regras tradicionais.

São discursos que explicitam as escolhas de diferentes jovens, as quais, ao fugirem do padrão normativo de conduta feminina ainda vigente, transgrediam as regras, desafiavam a ordem e sinalizavam para emergência de outro padrão de conduta social.

O autor do artigo, ao nomear a mulher “sempre irritada e irritante,” “cuidando apenas de si”, desmazelando-se do lar e do seu esposo” como “transgressões”, estabelecia as exclusões em termos de modelo de mulher-esposa e, ao mesmo tempo, revela condutas femininas outras que deslocavam as noções naturalizadas e legitimadas do gênero; revela

mulheres com perfis outros, sem dúvida, mais livres, determinadas e atuantes, veiculando, por fim, modelos de mulher e de conduta, que definitivamente não pretendia difundir.

A emergência de tais artigos, possibilita esforços para discutir que os comportamentos, valores e sentimentos que são aceitos em uma sociedade por alguns grupos num certo momento histórico podem ser rejeitados por outros e, assim, abrindo espaço e possibilidades para a análise das representações sociais de gênero. O desafio de rastrear como os valores, condutas, expectativas podem ser vividos e apreendidos, compreendidos e manipulados através de uma cumplicidade ou não, amplia o âmbito da vida cotidiana, às vezes reforçando, outras não, o modelo de mãe-esposa, frágil, sensível e dependente.

Qualquer outra atividade feminina, que não fosse de mãe e esposa, guardiã do lar, passou a ser vista como desviante e nocivo à moralidade, comprometendo a dignidade feminina; era reconhecida como “fraqueza moral” e desqualificava as mulheres. Por isso, o comportamento feminino deveria ser retificado acompanhando perfis de feminilidade hegemônicos adequados ao binômio permitido/proibido.

Foram escolhas e conquistas, mesmo que praticadas sob risco da desclassificação e da exclusão, que participaram da produção de sentidos conferidos às relações sociais. Aponta para uma realidade social, cujo cotidiano modificara-se em termos de condutas, valores e costumes, estabelecendo outras formas, menos cristãs e mais modernas.

Tantas preocupações, regras e advertências evidenciavam práticas outras, vivenciadas por mulheres que, com maior ou menor ousadia, contestavam os padrões estabelecidos. Mulheres cujos comportamentos romperam com o modelo de conduta da recatada e “doce Maria” e optaram pelo da mulher moderna e livre.

Para contrapor-se a tais práticas, a veiculação pela imprensa local de discursos dirigidos à família, reiteradores dos padrões normativos de mulher e de conduta moral e cristã, informados pela ótica binária da dupla moral sexual e da divisão sexista e generalizada dos papéis.

O discurso, que era majoritariamente dirigido para as mulheres, apontava como as moças que sacrificavam o “papel de mãe” e a “pureza” estavam contribuindo para a desorganização da família. Assim, predominava a representação simbólica ideal da mulher dedicada às tarefas do lar. Além do mais, se o lar não fosse aconchegante, o esposo iria procurar “diversão” fora de casa. A mulher deve ser prestativa e disposta, ao se afastar de suas funções no lar, provocaria o “desmazelo” dos arranjos domésticos.

Deste modo, a mulher transportou a representação que a desqualifica enquanto pessoa e a subordina a uma matriz biológica, procriadora, reforçando pontos de vista negativos sobre a condição feminina.

Como bem atenta Maria Izilda Matos, ao desenvolver um estudo sobre as mulheres araguarinas, tem-se como preocupação abrir

trilhas renovadoras, desimpedidas de cadeias sistêmicas e de explicações causais; recuperar diferentes verdades e sensações; promover a descentralização dos sujeitos históricos; e permitir a descoberta das 'histórias de gente sem história', procurando articular experiências e aspirações de agentes aos quais se negaram lugar e voz dentro do discurso histórico convencional.” (MATOS,1997:90).

Nessa perspectiva, desejosas de ampliar os limites dos estudos de gênero em Araguari, de abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, de explorar as experiências históricas de homens e mulheres cuja identidade foi tão frequentemente ignorada ou mencionada apenas de passagem, que iniciamos a tecitura de uma trama em que estão presentes as representações que desqualificam as mulheres enquanto pessoas que sentem, que possuem feminilidades próprias e que merecem ser desvendadas enquanto modelos plurais e não universais.

Os vários artigos veiculados no espaço social araguarino reafirmavam o papel social destinado às mulheres, bem como, a prescrição de comportamentos sociais com nítido propósito de disseminar representações formadoras e forjadoras da “verdadeira mulher”, isto é, aquela cuja subjetividade se assentasse nos papéis e funções femininas tradicionais; esposa/mãe/educadora e administradora do lar.

Nesse esforço em conhecer e reconhecer as experiências das mulheres de Araguari/MG em processo de modernização nos anos de 1940/1950 percebe-se a força instauradora das representações na conformação de suas subjetividades. Os papéis visíveis no enfoque do cotidiano, constituem-se no recurso possível para obter pistas que possibilitem a reconstrução da história concreta das mulheres transpondo o silêncio e a invisibilidade que perduraram por tão longo tempo quanto ao passado das araguarinas.

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: Edunesp, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

JODELET, Denise (org.). *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: Edusc, 2005.

_____. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História cultural*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIOS, Gilma M. *Mulheres “modernas”, mulheres “perigosas”: gênero, corpo e comportamentos sociais em Araguari/MG (1940-1960)*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.